

O Banco Mundial prevê: nossa economia vai melhorar.

Ele diz que a reativação começará no ano que vem. E voltaremos a crescer 5% até o final da década.

A economia brasileira será reativa-
da já a partir de 1984 e alcançará
5% de crescimento até o final da
década. A previsão é dos chefes de
Divisões do Banco Mundial para a
América Latina e o Caribe, Guy
Pfeffermann, e para o Brasil, Hen-
drick Van Der Heijden, e foi expos-
ta após uma reunião com o minis-
tro do Planejamento, Delfim Neto.

Os dois especialistas se mostraram
bastante otimistas em relação ao
reaquecimento econômico brasi-
leiro, mas observaram que isso se
dará apenas depois da nova direção
que se pretende dar aos investi-
mentos, especialmente os que estão
voltados para o comércio externo,
do combate à inflação, e do estímu-
lo à poupança interna.

Outro economista do Banco

Mundial, William Tyler, também in-
tegrante da comitiva do Banco que
está visitando o Brasil, disse que
para esse organismo o déficit do
País no ano passado foi de 10% do
Produto Interno Bruto, e não os
16,9% encontrados pelo Fundo Mo-
netário Internacional. Os dados do
Banco Mundial fazem parte de um
relatório sobre o desempenho da
economia brasileira, elaborado a
pedido das autoridades brasileiras.
Tyler disse que o déficit deste ano
ainda está sendo levantado.

Ao serem recebidos pelo minis-
tro do Planejamento, Delfim Neto,
os técnicos do Banco Mundial anun-
ciaram novos financiamentos.
Guy Pfeffermann disse que o Ban-
co Mundial já liberou empréstimos
de 400 milhões de dólares ao Brasil

este ano — a última parcela, de 110
milhões de dólares, foi autorizada
na semana passada — e que até o
final do ano ainda vai autorizar
entre 800 e 900 milhões de dólares,
totalizando entre 1,2 e 1,3 bilhão no
final do exercício. “O Banco Mundial,
afirmou, está mais preocu-
pado com os programas de longo pra-
zo do governo, porque acredita que
os problemas de curto prazo serão
resolvidos, de uma maneira ou de
outra.”

Os recursos serão destinados à
implementação de dois projetos,
nos setores agrícola e industrial,
inclusive para o encalhamento do
programa de drawback (importação
de insumos vinculada à exportação
de produtos acabados) que vai es-
tender-se ao setor industrial.

Segundo William Tyler, “baixar
o déficit público é questão política
do governo brasileiro”, mas prefe-
riu não dar sugestões sobre o assun-
to, “embora o Banco Mundial con-
sidera essa medida aconselhável”.
Acrecentou ainda que está no Bra-
sil, juntamente com outros altos
funcionários, “como uma institui-
ção a convite do País, trabalhando
para esta Nação”.

Comentou as diferenças meto-
dológicas entre as medidas do défi-
cit público pelo governo brasileiro e
pelo Fundo Monetário Internacio-
nal, dizendo que no caso do Banco
Mundial foi feita uma tentativa
“técnica e nítida” de estabelecer
um critério de medição com meto-
dologia comum à Sepplan e a orga-
nismos internacionais.